

# Volcker vê pressões menores

Arquivo

Washington — O presidente da Federal Reserve Board — (FED) junta da reserva federal ou banco central dos Estados Unidos —, Paul Volcker, disse ontem, ao falar a Comissão Econômica Bicameral do Congresso, que as pressões para cima sobre a taxa básica, primária ou preferencial de juros (prime rate) cobrada pelos bancos estão "diminuindo no momento".

Volcker, que normalmente evita comentário direto sobre o panorama das taxas de juros, foi indagado pelo senador republicano Roger Jepsen, o presidente da Comissão, quanto tempo continuarão as pressões altistas sobre as taxas de juros e respondeu: "Acho que são menores agora do que há alguns meses". "O Sr. acha que estão diminuindo?", insistiu Jepsen. "Estão diminuindo no momento", respondeu Volcker.

A baixa das taxas de juros seria boa notícia para muitas indústrias, especialmente a do setor habitacional e a automobilística, e vantajosa politicamente para o presidente Ronald Reagan, que previu taxas mais baixas até o fim do presente verão (inverno no Brasil).

Volcker disse que uma combinação de ansiedades na primavera (outono no Brasil) forçou a taxa básica de juros a subir e auxiliou a deprimir a taxa de juros dos títulos governamentais. Agora, indicou, o efeito está terminando. A taxa básica — a que os bancos cobram de seus clientes preferenciais — saltou metade de um ponto quatro vezes este ano e agora se encontra no nível de 13 por cento.

Entre os fatores que elevaram as taxas de juros bancárias, explicou Volcker, estiveram a preocupação com o grande número de empréstimos estrangeiros que os bancos norte-americanos concederam e a frágil situação do continental Illinois Bank. Os comentários sobre as taxas de juros foram a única modificação substancial que Volcker fez em relação ao depoimento da semana passada perante a Comissão Bancária do Senado. Ele disse que o panorama para o próximo ano determinado pelos planejadores de política do FED, que esperam crescimento econômico de 3 por cento, "não deve ser visto negativamente".

A forte tomada de empréstimos pelo Tesouro deveria ter sido cortada "há seis meses" e constitui "riscos muito substanciais para o panorama", advertiu Volcker, salientando: "É importante reduzir o déficit público o mais prontamente possível". Avisou que se os grandes cortes dos gastos públicos não forem suficientes para esse trabalho, então "seria preciso olhar o lado da arrecadação" — ou seja, maiores impostos.